



ENTENDIMENTOS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL SOBRE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

UNDERSTANDINGS OF PRE-SERVICE TEACHERS ABOUT
ENGLISH AS A LINGUA FRANCA

Bruna Sampaio Silgueiro Mardegan¹
Universidade Estadual de Maringá

Luciana Cabrini Simões Calvo²
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado, que tinha como um de seus objetivos analisar os entendimentos e as representações sobre inglês como língua franca (ILF) nas interações e atividade(s) desenvolvida(s) pelos acadêmicos de Letras em uma disciplina de formação de professores, quando discutiram o tópico ILF. O estudo tem natureza qualitativa e baseia-se em autores como Gimenez (2015), Santos e Siqueira (2019), Duboc (2018; 2019), dentre outros. Os resultados evidenciaram que os acadêmicos atribuem ao ILF apreciações positivas e que os entendimentos deles sobre o tema apresentam as seguintes categorias: inglês como segunda língua, variedades e ILF; ILF como uma língua de contato; usos criativos da língua e apropriações locais; ILF como uma perspectiva mais flexível de ensinar e aprender a língua inglesa; cultura; a globalização e o ILF e a descentralização do falante nativo.

¹ brunasilgueiro@gmail.com

² cabrinisimoes@gmail.com

Palavras-Chave: Inglês como língua franca; Formação docente inicial; Curso de Letras; Entendimentos.

Abstract: *This paper presents an excerpt from a master's research project, one of the objectives of which was to analyze the understandings and representations of English as a lingua franca (ELF) in the interactions and activity(ies) developed by language students in a teacher training course. The study is qualitative in nature and is based on authors such as Gimenez (2015), Santos and Siqueira (2019), Duboc (2018; 2019), among others. The results of the research show that the academics attribute positive appraisals to the ELF and that their understandings of the subject present the following categories: English as a second language, varieties and ELF; ELF as a contact language; creative uses of the language and local appropriations; ELF as a more flexible perspective for teaching and learning the English language; culture; globalization and the ILF and the decentralization of the native speaker.*

Keywords: *English as a lingua franca; Initial teacher training; Language courses; Constructions of meaning*

INTRODUÇÃO

A expansão da língua inglesa (LI) na atualidade deu ao idioma o status de uma língua franca (ILF), isto é, uma língua de contato utilizada por falantes de diferentes contextos linguísticos e culturais (Jenkins, 2009). O ILF não é uma variedade da língua, mas um uso, uma função do inglês, sendo que nas interações os falantes podem lançar mão das variedades com as quais estejam mais familiarizados, além de empregar variadas estratégias comunicativas (Santos; Siqueira, 2019).

Ademais, é preciso levar em consideração que, segundo Santos e Siqueira (2019, p. 66), “embora essas interações envolvam, primordialmente, usuários não nativos do inglês, [...] o usuário nativo não está excluído”. Entretanto, conforme ressaltam os autores, nessas situações os falantes nativos não ditam as regras da comunicação, uma vez que todos os envolvidos se encontram em uma posição de negociação de sentidos.

Ao considerarmos o conceito de ILF, é preciso ter em mente que não nos referimos a uma prática neutra, atemporal ou descontextualizada (Gimenez,

2015), ainda mais quando levamos em conta as implicações da expansão do inglês em nível político, linguístico e pedagógico.

De acordo com El Kadri e Calvo (2015), as implicações pedagógicas do ILF são:

a) a ampliação do leque de variedades de inglês a serem ensinadas; b) a menor ênfase no ensino de pronúncia centrada no falante nativo; c) a articulação entre o local e o global, constituindo a noção de cidadania planetária; d) a questão do ensino de cultura; e) a discussão sobre os objetivos do ensino dessa língua. (El Kadri; Calvo, 2015, p. 123)

De maneira semelhante, Duboc (2018) aponta que considerar o ILF requer mudanças no âmbito teórico e metodológico e implicaria em

[...] uma revisão da razão pela qual o inglês foi ensinado nas escolas, a inclusão de variedades de língua inglesa diferentes da americana e britânica, a inclusão de temas globais e sociais para discussão dentro de contextos educacionais (indo além do ensino estrito da língua estrutura ou funções comunicativas), o desenvolvimento da sensibilização e autorreflexão em relação ao papel das línguas estrangeiras na sociedades, bem como a promoção de novos processos de criação de significado para modos semióticos escritos e orais nas aulas de inglês. (Duboc, 2018, p. 163)

Todas essas implicações impactam o ensino de língua inglesa e, portanto, é importante que os cursos de formação de professores preparem os docentes para lidar com esses fatores em sala de aula. Na visão de Santos e Siqueira (2019), os professores precisam refletir sobre suas práticas e fazer eventuais ajustes, a fim de formar cidadãos e falantes que sejam capazes de se comunicar com sucesso em interações com pessoas dos mais diversos contextos linguísticos e culturais.

Nesse contexto, é importante ressaltar que, como uma das implicações políticas do ILF, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) compreende o caráter formativo da LI e a considera uma língua franca. Segundo o documento, “a língua inglesa não é mais aquela do ‘estrangeiro’, oriundo de países hegemônicos [...], nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro [...]” (BRASIL, 2017, p. 241).

A inclusão desta perspectiva na BNCC é considerada um avanço por grande parte dos estudiosos do ILF, a exemplo de Santos e Siqueira (2019), ainda que autores como Duboc (2019) reconheçam que ainda há certa rigidez nos quadros didáticos do documento, o que não está de acordo com uma perspectiva tão fluida quanto o ILF. De qualquer modo, esta inclusão reforça a relevância de incluir a perspectiva do ILF na formação docente, uma vez que serão os professores que terão de fazer o trabalho “nas brechas” para desconstruir e descentralizar práticas e discursos hegemônicos (Duboc, 2018).

Reforçando a importância da formação de professores, Rosa Filho, Volpato e Gil (2018) pontuam que é preciso ter consciência do papel dos professores enquanto auxiliares do desenvolvimento de uma “ELF awareness”, ou seja, uma conscientização sobre o atual estatuto da LI que desconstrua visões mais tradicionais de língua e ensino. Para os autores, “é exatamente este tipo de conscientização (sobre o ILF) que deve ser incluída nos programas de formação docente, tanto nas disciplinas do currículo orientadas para a prática pedagógica, quanto nas disciplinas orientadas à linguística” (Rosa Filho, Volpato; Gil, 2018, p. 151).

Diante disso, nosso objetivo neste artigo é apresentar parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado contextualizada em um curso de Letras, em uma disciplina de formação de professores. Um dos propósitos do estudo foi analisar os entendimentos e as representações sobre ILF nas interações e atividade(s) desenvolvida(s) pelos licenciandos, alunos do terceiro ano da graduação em Letras-Inglês de uma IES paranaense, na disciplina, quando da discussão do tópico ILF.

A pesquisa teve natureza qualitativa e epistemologia interpretativista. Os dados foram gerados por meio de notas de campo, gravações de aulas e pela análise de atividades produzidas pelos licenciandos (planos de aula e exercícios). A disciplina foi ministrada no ano de 2020, em meio à pandemia do Covid-19, e, por isso, os encontros ocorreram na modalidade de ensino remoto emergencial

(ERE) com o auxílio do Google Meet e do Google Classroom, além de outras ferramentas (Jamboard, Padlet). As aulas observadas tiveram a participação de 26 acadêmicos e totalizaram 11 encontros, que aconteceram no período de 04/11/2020 a 16/12/2020, às quartas e sextas-feiras.

A análise dos dados, nesta pesquisa, foi feita pelo método indutivo-dedutivo assim como os procedimentos descritos por André (2013), isto é, as categorias e elementos representativos que surgiram durante as análises foram investigadas/interpretadas com base nas teorias sobre formação de professores e ILF. Neste artigo, apresentaremos justamente as categorias que se destacaram em relação aos entendimentos dos participantes da pesquisa sobre o ILF, ou seja, os sentidos construídos por eles sobre a perspectiva.

1 OS ENTENDIMENTOS SOBRE ILF

Tendo em vista o objetivo do artigo de analisar os entendimentos e as representações sobre ILF nas interações e atividade(s) desenvolvida(s) pelos licenciandos em uma disciplina de Formação de Professores no curso de Letras-Inglês de uma universidade paranaense, as categorias de entendimentos sobre ILF surgiram com vistas a investigar/interpretar elementos que representem a visão e o posicionamento dos participantes sobre o tópico em questão. As categorias aqui levantadas foram: 1) Avaliações positivas sobre o ILF; 2) Inglês como segunda língua, variedades e ILF; 3) ILF como uma língua de contato; 4) Usos criativos da língua e apropriações locais; 5) ILF: uma perspectiva mais flexível de ensinar e aprender a língua inglesa; 6) Cultura; 7) A globalização e o ILF e 8) Descentralização do falante nativo, conforme está ilustrado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 - Entendimentos sobre ILF



Fonte: As autoras

1.1 Apreciações positivas sobre o ILF

Os primeiros posicionamentos dos licenciandos a respeito do inglês no mundo atualmente são positivos. Na primeira aula, por exemplo, eles responderam à questão *“How do you see English in the world nowadays?”*, em um *Mentimeter*, no qual deveriam digitar uma palavra ou expressão. Alguns dos qualificadores utilizados foram: *“important”, “necessary”, “essential”, “crucial”, “very important”, “well-known”, “more common”* e *“universal language”*. Outras palavras utilizadas foram: *“communication”, “globalization”, “internationalization”, “intercultural”, “connection”, “business”, “opportunity”, “English as communication”,* e *“a connection to the world”*.

Além da atividade no *Mentimeter*, alguns acadêmicos expuseram suas opiniões durante as aulas, conforme exemplos que seguem:

Acadêmico 1: *I think that ELF is really nice when we think about it...*³(Aula 2)

Acadêmico 7: Eu acho muito bom a diferença de perspectiva (Aula 3; chat)

³Apresentarei os excertos na língua original em que os comentários foram feitos, por isso haverá alguns em língua portuguesa e outros em língua inglesa, assim como nas aulas.

Neste último comentário, o Acadêmico 7 dá sua opinião sobre a diferença entre a perspectiva tradicional de ensino de inglês e a que considera o atual estatuto do idioma no mundo. Em outros momentos, eles também demonstram posicionamentos positivos no que diz respeito aos materiais utilizados durante as aulas, como os textos com os quais tiveram contato:

Acadêmica 2: *I think it was interesting to read about the ELF pedagogy [...]* (Aula 2)

Em contrapartida, um dos licenciandos relata, durante a segunda aula, o sentimento de ansiedade diante da expansão do idioma, e afirma que não sabe se o fenômeno é algo bom ou ruim, devido à globalização e aos possíveis efeitos deste cenário, como se pode ver no posicionamento do Acadêmico 7:

Acadêmico 7: *...English is cool, but if you think about globalization and this kind of things, when we're talking about another language, not our *inaudible* It's a language from another country and this country is in election, this could affect us and the global spread of English, uhh, I don't know if it's something good or if it is bad, sometimes I just get, I don't know, anxious about this...* (Aula 2)

A opinião do Acadêmico 7 demonstra o seu senso crítico em relação aos efeitos políticos da expansão da língua, o que pode ter relação com o fato de que ele está cursando a disciplina pela segunda vez e já teve maiores oportunidades de refletir sobre o tema. Ademais, o comentário do licenciando localiza a língua geograficamente e demonstra uma associação do inglês com uma nação específica, (*"It's a language from another country and this country is in election"*) no caso, com os EUA, país que estava em eleição na época em que a aula aconteceu.

De modo geral, os qualificadores utilizados pelos participantes demonstram que eles têm consciência da importância do idioma atualmente e articulam a língua à comunicação e à conexão em um cenário global positivamente, porém a maioria deles não vai muito além de apreciações mais genéricas sobre o fenômeno do ILF, o que pode ter relação com o fato de que, para a maior parte dos licenciandos, esta é a primeira vez que eles têm contato com essa perspectiva. As atitudes positivas em relação ao ILF também são

relatadas na pesquisa de El Kadri (2010), embora a pesquisadora aponte que ainda existem resquícios da tradição de LE, o que também é retratado por Souza (2012).

1.2 Inglês como segunda língua, variedades e ILF

Um dos entendimentos traz, de início, a percepção do inglês como uma segunda língua, mas traça, por meio das discussões em sala, principalmente com a docente, uma trajetória em direção à compreensão do inglês como uma língua franca. Ao falar sobre as palavras utilizadas na atividade do Mentimeter uma das participantes demonstra, além de uma visão otimista do idioma, que sua ideia inicial ainda é centrada nos países que têm inglês como uma segunda língua:

Acadêmica 2: I think in the sense that English opens doors to the world, like, to interaction between cultures and countries that maybe have English as a second language... I don't know" (Aula 1).

Em seguida, após comentários de outra colega e questionamentos e explicações da professora, quando indagada sobre o que é o fenômeno do ILF e porque ele ocorre, a mesma licencianda demonstra uma associação entre o inglês como língua franca e os “diferentes ingleses do mundo” (Acadêmica 2):

Acadêmica 2: I don't know if it has to do with the different Englishes we have in the world like, uh, it's not English from the United States, or England, but English as a language used in the whole world. (Aula 1)

Mais pra frente em outro diálogo, com mediação da docente, a Acadêmica 2 traz como exemplo uma situação em que o inglês é utilizado como língua de contato entre pessoas com línguas maternas diferentes:

Acadêmica 2: Yeah, I thought of someone from, I don't know, Greece, go to France and then they talk in English, like it's so crazy to think this. (Aula 1).

Os excertos acima demonstram a trajetória que a Acadêmica 2 percorreu, partindo de uma associação direta ao inglês como segunda língua, passando pela noção de um idioma utilizado no mundo todo e que abrange “diferentes ingleses”, até uma visão de língua de contato entre falantes de diferentes línguas maternas.

É muito interessante observar como os entendimentos são apresentados, construídos e reconstruídos durante as aulas a partir do contato com novos materiais, comentários de colegas e intervenções da docente.

1.3 ILF como uma língua de contato

Em diversos momentos ao longo das aulas, os participantes demonstraram compreender o ILF como uma língua de contato, “*a bridge language*”, assim como descreveu o Acadêmico 13 (Aula 5) em seu comentário no Google Classroom: “*Lingua franca is a bridge language, is a language to connect people from different cultures and make communication possible [...]*” ou seja, uma língua que permite a conexão entre pessoas de diferentes culturas e que, portanto, tem como foco a comunicação, a funcionalidade e pode envolver ajustes e adaptações, como também fica claro nos excertos abaixo:

Acadêmica 14: *It is important that the speakers adapt, or try to make any changes they consider necessary so that they can communicate effectively.* (Trecho de um comentário publicado no mural do Google Classroom)

Acadêmica 6: [...] *these people use English as an instrument to establish a connection among many countries [...]* (Trecho de um comentário publicado no mural do Google Classroom)

Acadêmica 10: Teacher, eu acho que (uma palavra para relacionar com o ILF) poderia ser *communication*, porque o foco tá completamente em haver a comunicação entre os falantes, né, os receptores. (Aula 3)

Diante dos comentários de todos os acadêmicos acima, compreendemos que a visão predominante entre eles é a do ILF como uma língua que permite a

comunicação entre os falantes, que permite que eles façam adaptações de acordo com os contextos comunicativos para que o diálogo seja bem sucedido.

1.4 Usos criativos da língua e apropriações locais

Durante a segunda aula, a docente apresenta alguns exemplos de usos criativos da língua, retirados do trabalho de Duboc (2018) e inicia uma conversa utilizando as perguntas formuladas pela mesma autora: *“How do you feel towards the signs below? How do you judge this use of English? As a teacher, would you consider working with any of them in your English class? If so, which aspects could be raised?”* (Duboc, 2018, p. 180-181)

Após estes questionamentos, os acadêmicos expressam suas opiniões, conforme podemos observar abaixo:

Acadêmico 7: Ah, pra discutir globalização com brasileiros, o marketing eu acho perfeito, tipo é muito legal eles, nós no caso, ouvirmos sempre *cyber* café, ou então essas expressões mesmo, daí a gente pega o anglicismo e transforma ele e usa da forma que a gente usa, tipo a gente fala *pet shop* até hoje, mas algumas pessoas nem param pra pensar o porquê a gente fala *pet shop*, tá só introduzido ali. Aí eu acho que a gente colocar essas palavras assim, pra atrair o público porque tá escrito da forma que eles, creio eu, que eles acham que se escreve, mas lendo ali eles vão conseguir entender, então está dentro do objetivo deles eu acho.

Acadêmica 2: Eu acho que seria interessante trabalhar isso na sala de aula, porque mostra realmente como que pode ser feito essa acomodação da língua, acho que tem bastante a ver e tira uma carga assim tão grande de como que você tem que usar o inglês, que tem que ser de acordo com as regras, pode ser de uma maneira criativa, fazendo sentido, efetivamente acontecendo a comunicação, é isso que importa, às vezes eu acho que isso tira até mesmo uma carga do próprio aluno, de que ele pode errar as vezes mas se ele conseguir realmente entender o que ele quer passar e passar pra outra pessoa tá perfeito.

Os entendimentos dos dois participantes demonstram que os usos criativos/apropriações locais da língua são vistos de forma positiva, no sentido de deixarem os falantes mais confortáveis para descobrir novas formas de

expressão e maior liberdade para utilizar o idioma. O comentário da Acadêmica 2, por exemplo, demonstra que a licencianda vê os exemplos de usos criativos apresentados como tópicos interessantes para abordar em sala de aula, por causa dessa característica menos normativa.

Além disso, observamos que a Acadêmica 2 utiliza a palavra “acomodação”, enquanto a docente e o Acadêmico 7 falam em “apropriação” da língua, vocábulos que podem sugerir interpretações diferentes, visto que acomodar é fazer ajustes de acordo com o interlocutor, enquanto apropriar é tomar posse e pode indicar uma ruptura maior com os padrões normativos.

No que diz respeito aos usos criativos da língua, Moita Lopes (2008) pontua que é possível que os falantes se apropriem de usos do inglês a partir do contato com outros grupos, que não os hegemônicos. Nas palavras do autor: “É desse modo que o inglês e seus discursos são apropriados em performances identitárias, criadas e re-inventadas nas margens” (Moita Lopes, 2008, p.333).

Assim como alguns acadêmicos destacaram, os usos criativos podem fazer com que os falantes se sintam mais à vontade e descubram novas formas mais livres de se expressar utilizando o idioma. Para Moita Lopes (2008), estes usos criativos dispensam prestações de contas, uma vez que servem à expressão da identidade do falante:

Essa questão que nos introduz a uma visão performativa das línguas também remete aos usos criativos que as pessoas, cada vez mais, fazem de outras línguas e outros discursos e culturas, sem prestar contas de tais usos a quem quer que seja, a não ser a seus próprios projetos identitários e suas performances em suas ações cotidianas, à luz dos outros que as circundam e, claro, orientadas por contingências macrosociais. (Moita Lopes, 2008, p. 324)

1.5 ILF: uma perspectiva mais flexível de ensinar e aprender a língua inglesa

Um outro entendimento que aparece é o de que o ILF é uma perspectiva mais flexível de ensinar e aprender a língua inglesa, o que pode fazer com que os

falantes, em geral, e os alunos se sintam mais confortáveis para utilizar o idioma. Nesse sentido, as palavras “acomodação”, “adaptação”, “funcional”, dentre outras, se fazem presentes nas falas dos licenciandos, o que já foi inclusive apontado na seção anterior que trata sobre os usos criativos da língua.

Diante disso, ressaltamos que os acadêmicos já traziam consigo apontamentos e reflexões que articulavam o que estavam estudando com o ambiente de sala de aula e a maneira de ensinar, mesmo antes de serem questionados diretamente sobre os aspectos pedagógicos do ILF, visto que alguns deles já atuavam como professores.

Além disso, em alguns comentários, notamos que os próprios acadêmicos se sentem mais tranquilos em sua posição enquanto professores bilíngues devido a essa flexibilidade que o ILF proporciona. Isso é demonstrado no trecho abaixo, no qual a Acadêmica 2 faz observações sobre a leitura da entrevista “*English as a Lingua Franca – interview with Jennifer Jenkins (2016)*”:

Acadêmica 2: I think it was interesting to read about the ELF pedagogy, that actually is not a concrete thing yet, but is a way to teach English as a lingua franca with more flexibility and thinking about diversity and accommodation skills, that is, adjusting the language to the one that you are speaking to. I also think that it is nice to think about this more flexible way of teaching. (Aula 2).

Quando a Acadêmica 2 diz “*is not a concrete thing yet*” acreditamos que ela faz referência ao fato que o ILF não é uma nova língua “concreta” ou uma variedade estabelecida, mas uma maneira de ensinar a língua inglesa, um modo de ensinar mais flexível, no qual há espaço para maior diversidade. Essa visão apresentada acima pela licencianda também aparece nas falas de outros participantes, que repensam aspectos tradicionalmente mais “rígidos” no ensino de LI.

Nesse contexto, um dos fatores bastante comentados pelos licenciandos é a correção, pois, à medida em que eles passaram a considerar como primordial a função comunicativa da língua, e a ver o ILF como uma perspectiva mais flexível

de ensinar inglês, começaram a repensar o tratamento do “erro” em sala de aula e a maneira de abordá-lo.

A Acadêmica 8, por sua vez, defende que é preciso ter cuidado para que o aluno não se sinta desmotivado com as constantes correções de sua pronúncia e, nesse sentido, é importante que o professor tenha em mente e aborde com o aluno a sua identidade de falante brasileiro, que tem também um sotaque regional.

Acadêmica 8: [...]Então tem que tomar muito cuidado com isso mesmo né? Com essa questão de correção de pronúncia e também é uma forma de motivar o aluno, né, porque tem muitas vezes que ele fica desmotivado com relação à pronúncia, então sempre lembrar ele de que ele é brasileiro, ele tem uma primeira língua, ele tem um sotaque também regional. [...]” (Aula 2).

Considerando os posicionamentos de alguns acadêmicos e observando a maneira como eles enfatizam a necessidade de pensar sobre as correções e o modo de fazê-las, bem como defendem a “normalização do erro”, podemos refletir a respeito do quanto isso se fez presente na jornada dos participantes enquanto alunos, aprendizes, falantes e professores em formação. Isso pode representar uma tentativa de, com base no que já vivenciaram, melhorar a experiência de seus alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem onde eles se sintam mais confortáveis e, por consequência, mais confiantes.

Nesse sentido, acreditamos que a reflexão trazida por Duboc (2018) exemplifica como esse tipo de angústia não é algo incomum, mas algo provavelmente compartilhado por muitos estudantes brasileiros de língua inglesa e também por alunos-professores.

Como aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira por décadas tão longas, suponho que muitos de nós possam ter sentido algum grau de angústia e ansiedade na sala de aula de inglês devido a tentativas incessantes de alcançar uma pronúncia nativa, uso de estrutura precisa, escolha lexical apropriada, escrita acadêmica sem sotaque e similares. (Duboc, 2018, p. 159).

A autora relata sua experiência pessoal e a frustração que sentiu ao ser “reconhecida como uma cidadã brasileira” em uma situação em que tentou soar como uma nativa. Segundo ela, naquele momento, sua visão de língua e de

ensino de língua era “permeada por noções como ‘precisão’, ‘adequação’, ‘correção’, ‘erro’ sempre em relação a normas e padrões ditados por falantes nativos de inglês”, em grande parte devido à maneira como ela aprendeu a língua e aprendeu a ensinar a língua (Duboc, 2018, p. 160).

1.6 Cultura

A questão da cultura aparece nos entendimentos de alguns licenciandos mesmo quando o ensino de cultura não era o tópico da aula em si. A noção de que o ILF está conectado à aspectos culturais (e linguísticos) diversos, por ser uma língua de contato entre pessoas de diferentes origens, é perceptível em comentários como estes:

Acadêmica 6: [...] *ELF is a way to share knowledge about cultural and linguistic aspects because it is inserted in a diverse world population, and these people use English as an instrument to establish a connection among many countries [...]* (Trecho de comentário postado no Classroom)

Acadêmica 8: E outra coisa também que eu achei muito legal é que é uma forma de trazer cultura, então trazer essa visão de diversidade, né, então tudo isso é muito importante. (Aula 2)

Notamos também que alguns comentários, como o do Acadêmico 1, abaixo, trazem consigo a ideia de que, por meio da perspectiva de ILF, é possível que o falante mantenha seu *background* cultural enquanto utiliza a língua.

Acadêmico 1: *This language perspective allows students to interact and use the language, developing themselves as individuals with their own cultural backgrounds.* (Trecho de comentário postado no Classroom)

Além disso, o Acadêmico 7 apresenta uma interpretação semelhante, durante um diálogo sobre uma fala do primeiro ministro da Índia no que diz respeito ao *Indian English*. Diante dessa fala do licenciando, consideramos que ele vê como o povo indiano se apropriou da língua inglesa e como a cultura desse povo resiste em meio à colonização e à opressão sofrida por eles:

Acadêmico 7: Sim, eu acho que é essa questão identitária mesmo como um povo que, apesar de eles serem colonizados de (??inaudível) um tempo aí que aconteceu na história eles, sabe, usam a língua pra serem o povo que eles são, então, tem uma cultura ali, mesmo que essa língua venha de uma outra cultura. (Aula 2 - Sobre como os indianos utilizam a língua inglesa)

Para o Acadêmico 7, uma forma de trabalhar com cultura em sala de aula seria colocar os alunos para dialogarem diretamente com alunos de outros contextos culturais, como aparece na fala abaixo:

Acadêmico 7: *Uhm, I'm in a group with other teachers from different countries and I said to my students that we could have a meeting together with different students from different classes like, they could be from another country like India or even another South American country[...] And one of them [one of the students] said that it would be better if we had a student from the United States or the UK and I said "Why?" and he told me that it would be better because of the English, it would be nice to hear. And I was like "Yeah, but you can hear another types of English" [...] "you need to understand other types of cultures and how English can be used" [...]* (Aula 6 - sobre algo que ele disse aos seus alunos sobre a necessidade de entender outras culturas)

O comentário do Acadêmico 7, no nosso ponto de vista, indica que, embora ele entenda a necessidade de trabalhar com culturas que não sejam apenas dos países de centro, o acadêmico talvez não tenha uma visão clara de como faria atividades para abordar diferentes culturas, uma vez que ele descreve mais o contexto e a possibilidade de reunir falantes de diversos países, do que as atividades que seriam realizadas. É válido observar que o acadêmico mostra ter consciência e convicção de que é necessário estar em contato com diferentes variedades de língua inglesa e também “entender outras culturas”.

Na visão do Acadêmico 1, a fala do Acadêmico 7 indica que o colega tem uma visão crítica sobre o ensino de cultura nas aulas de LI.

Acadêmico 1 : *[...] I think to see it critically is, is to see, I don't know, reflectively, to look at your own teaching practice and, maybe, think about how your culture or your students' culture [...]* Uhm, o lugar cultural do aluno e do professor nessa relação de ensino de línguas [...] É o que o Acadêmico 7 aponta sobre o aluno dele ali, há uma valorização da cultura do nativo, vamos dizer assim, tem essa visão vigente, então, ver criticamente eu acho que é uma postura como a do Acadêmico 7, por exemplo, eu acredito que um professor que age assim

ele tá agindo criticamente em relação à cultura e a como esse ensino de língua se dá quando a gente coloca em cheque a questão cultural. (Aula 6)

O excerto acima mostra que o Acadêmico 1 acredita que a postura do colega é crítica porque, ao afirmar para os alunos a necessidade de entender outras culturas e usos da língua inglesa que não sejam de países hegemônicos, ele está desafiando o lugar comum do que é trabalhado sobre cultura em aulas de LI. Ao reler esses trechos das aulas, tivemos a impressão de que alguns licenciandos demonstravam, naquele momento, uma visão de que trabalhar com cultura nas aulas de LI sob uma perspectiva de ILF seria mais ou menos parecido com trabalhar diferentes variedades de inglês. Nesse sentido, eles apresentavam o entendimento de que era necessário expor os alunos a uma maior diversidade de culturas, ou trabalhar com diferentes culturas em sala de aula, ainda que não especificassem exatamente como isso poderia ser feito.

Quando o Acadêmico 1 menciona o “lugar cultural do aluno e do professor”, apesar de isso não ter ficado explícito em sua fala, acreditamos que ele possa ter feito uma referência ao “*third space*” mencionado por Pederson (2011, p. 73), que diz respeito à um espaço onde há a possibilidade de o falante refletir sobre duas culturas e fazer sua própria interpretação crítica das situações.

Outro entendimento da Acadêmica 14 demonstra que ela compreende, por meio do texto trabalhado em sala, que os alunos precisam ter consciência do porquê estão aprendendo sobre a cultura de outros povos e ter uma noção de propósito. Tal entendimento também se relaciona com a dimensão intercultural presente na BNCC, inclusive com uma das competências específicas da língua inglesa consideradas pelo documento, que é “identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural[...]” (Brasil, 2017, p. 246).

1.7 A globalização e o ILF

A globalização é um tópico mencionado mais de uma vez durante as aulas, desde o primeiro encontro, quando “*globalization*” apareceu entre os vocábulos na nuvem de palavras criada no *Mentimeter*.

De acordo com o Acadêmico 1, a globalização, juntamente com a tecnologia, é responsável pelo alcance que o idioma tem hoje em dia, porque é assim que entramos em contato com a língua no nosso cotidiano. Destacamos que isso acontece, por exemplo, com grande parte dos conteúdos midiáticos que consumimos diariamente e que, não raro, estão em língua inglesa (músicas, séries, filmes, conteúdos em redes sociais).

Acadêmico 1: [...] *I think a part of it is also globalization and technology, uh, in the sense like, that's how these languages achieve us in our day to day lives, you know?*

Esse pensamento a respeito da ligação entre o ILF e a globalização também está presente no comentário do Acadêmico 13 no mural do *Google Classroom*, no seguinte trecho:

Acadêmico 13: *Nowadays, with the world becoming more and more globalized each day, the English language stood out and proved to be extremely important and now it is considered a common language between speakers who speak a different language, in other words, a Lingua Franca* (Trecho de comentário postado no mural do *Google Classroom*)

Na segunda aula, o Acadêmico 7 aponta a questão da globalização e afirma que se sente ansioso em relação ao estatuto do inglês no mundo. O participante não tem certeza se a expansão da língua inglesa é algo bom ou ruim, visto que até mesmo os acontecimentos políticos do país de onde esse idioma “veio”, como o resultado das eleições, podem nos afetar. Na nossa perspectiva, é interessante notar que o acadêmico, ao mesmo tempo, traz uma visão de uma língua marcada territorialmente enquanto ressalta o caráter político e “não-neutro” do idioma, o que fica claro no seguinte comentário:

Acadêmico 7: *It's a language from another country and this country is in election, this could affect us, if you know what I mean...* (Aula 2).

Nessa mesma aula, após um questionamento da docente, outro licenciando comenta sobre a globalização e o capitalismo como estruturas de poder que inevitavelmente existem, mas que há maneiras de se apropriar da língua:

Acadêmico 1: [...] *if you think about globalization, you will see that capitalism and the power, is a power structure everywhere and we learn English and that structure is there...* (Aula 2)

É relevante pontuar que os licenciandos trazem discussões acerca da globalização e da dimensão política do idioma, eles mesmos trazem consigo uma visão bem crítica em relação à expansão da língua inglesa no mundo, traçando paralelos com o capitalismo e as estruturas de poder vigentes. Ademais, eles também tiveram a oportunidade de, desde a primeira aula, entrar em contato com materiais, a exemplo do texto “O lugar do inglês no mundo globalizado”, de Rajagopalan (2010), que abordam tópicos como a globalização, o que pode ter influenciado a visão deles nesse sentido, especialmente no caso do Acadêmico 7, que já havia cursado esta disciplina de Formação de Professores no ano anterior.

Um aspecto interessante que se junta ao tópico “globalização e inglês” é o *marketing*, pois de acordo com o posicionamento do Acadêmico 7, ele, enquanto falante brasileiro, tem reservas em relação ao prestígio que a língua inglesa possui na nossa sociedade, principalmente quando ela é utilizada como ferramenta de *marketing*, e trata o assunto de forma um tanto quanto debochada.

A postura crítica de alguns acadêmicos, por exemplo, tem relação com os resultados obtidos por El Kadri (2010), o que fica claro quando a autora, em seu trabalho de pesquisa, fala de dois tipos de atitudes por parte dos professores em formação, isto é, alguns deles viam a relação entre língua inglesa e americanização como algo natural e até benéfico, enquanto outros consideravam que aprender outras variedades da língua seria uma das maneiras de resistir a essa concepção.

Nesta pesquisa, não encontramos entendimentos que demonstrem essa relação como algo “natural”, nem apenas “benéfico”, pelo contrário, os licenciandos apontam relações entre inglês, capitalismo, globalização de forma crítica, questionadora.

1.8 Descentralização do falante nativo

Um outro aspecto que é bastante pontuado e ressaltado pelos acadêmicos sobre o fenômeno do ILF e suas implicações durante as aulas é a descentralização do falante nativo, como é possível observar nos seguintes excertos:

Acadêmica 8: [...] hoje em dia quem mais fala inglês realmente são as pessoas não nativas, né? Então, trazer essa noção para abranger um conteúdo e mostrar que ser fluente não é ter essa fluência de nativo, né? (Aula 4);

Acadêmico 1: A gente pode se avantajá disso, a gente pode se aproveitar disso, se apropriar disso, e dizer “Olha, meus queridos americanos, vocês são a minoria agora. Essa língua, a gente vai usar e a gente vai usar ela do jeito que for melhor, e a gente vai adaptar ela pra ensinar ela para as pessoas, e tal” (Aula 2);

Acadêmico 1: *I think that when we talk about traditional English usually we're talking about the way teachers or we (inaudible) used to teach English centered in native speakers, right? [...]* (Aula 5).

Os dois comentários do Acadêmico 1 mostram como ele vê essa descentralização com “olhos de professor”, focando no âmbito do ensino, e estabelece essa diferença entre o “*traditional English*”, cujo ensino era sempre centrado no falante nativo, e o inglês que, hoje, por causa do atual estatuto da língua, pode ser apropriado, adaptado e ensinado “do jeito que for melhor”.

Além disso, como se pode ver, a fala da Acadêmica 8 “ser fluente não é ter essa fluência de nativo, né?”, na quarta aula, demonstra que a licencianda acredita que a fluência é algo que deve ser almejado por aqueles que estudam o idioma, porém, ela tem em mente que ser fluente não é imitar um nativo. A questão da fluência é algo que sempre aparece nas falas da Acadêmica 8 ao longo

das aulas, e, talvez, seja um aspecto que marcou a trajetória dela com a língua inglesa, algo que ela considera muito importante.

Ainda na aula 2, o Acadêmico 1 também havia comentado sobre a ressignificação do termo nativo, com base em um texto de Jenkins com o qual teve contato anteriormente. O acadêmico pontua que o termo que antigamente era usado de forma “distante” e até “obscura” para se referir aos povos indígenas, agora era visto como algo a ser imitado. Por isso, acredita que “quando a gente se coloca nessa posição de que eles são a minoria, na verdade, que a maior parte do inglês não é usado mais por eles, a gente pode partir pra essa coisa do empoderamento.” (Acadêmico 1; Aula 2).

Também pontuamos que os acadêmicos demonstram ter uma visão consciente sobre os estereótipos de outros falantes de língua inglesa e também sobre eles mesmos enquanto falantes e professores de inglês, enxergando as cobranças internas e externas, o que não os impede de, ocasionalmente, pedirem desculpas por seu inglês “não-perfeito”.

De forma geral, demonstram endossar a ideia de que, diante do atual estatuto da língua, o falante nativo não é mais o modelo a ser seguido. O Acadêmico 1, conforme um dos excertos acima, comenta, inclusive, sobre a problematização do termo “nativo”. Entretanto, ainda há certa insegurança, assim como eles mesmos apontam em alguns momentos, o que também aparece de forma implícita no decorrer das aulas, a exemplo do pedido de desculpas pelo “*rusty English*”, que acontece mais de uma vez com vários licenciandos.

Além disso, é válido ressaltar que, em alguns dos comentários dos acadêmicos sobre erros e correções, eles acabam por demonstrar a crença em uma certa dualidade da língua inglesa entre britânica e americana, a exemplos dos excertos abaixo:

Acadêmico 7: É um inglês estadunidense, é um inglês britânico... (Aula 2).

Acadêmica 8: [...] numa escola poder ter professores que tem voltado mais para o americano outros mais para o britânico então, por exemplo, o seu

aluno de agora pode ir pra uma professora britânica, que vai corrigir e daí ele vai ficar perdido, qual que é a pronúncia certa? [...] não é só americano que importa, nem britânico, nem nada. (Aula 2).

Isto pode ser um indício de que a visão geograficamente localizada da língua, a ideia de uma língua que pertence a um ou outro país ainda não havia sido superada, o inglês “americano” e “britânico” ainda é as referências e aparece antes de outras variedades, mesmo que, como fez o Acadêmico 7, a existência de outras variedades seja reconhecida logo em seguida. Isto também está conectado à insegurança que ainda existe em alguns acadêmicos no que diz respeito ao idioma.

Nesse sentido, os comentários acima (Acadêmica 7 e Acadêmico 8) sugerem essa dificuldade de desvincular o inglês de suas prestigiadas variedades “americana” ou “britânica”, o que tem relação com a armadilha do “discurso de *nativeness*” mencionada por Duboc (2018). Essa armadilha consiste na ideia de carregar uma visão ainda centrada em uma hegemonia ocidental justamente na tentativa de negar essa hegemonia, o que pode explicar os motivos pelos quais alguns participantes ainda sentem a necessidade de se embasar, mesmo que de forma inconsciente, em um modelo nativo, até mesmo quando reforçam a negação da importância desse modelo.

CONCLUSÃO

De modo geral, os acadêmicos apresentaram apreciações positivas a respeito do ILF e demonstraram uma postura receptiva, ainda que a maioria deles ainda não conhecesse a perspectiva. Além disso, notamos que alguns participantes apresentaram, de início, a ideia de que o ILF está ligado às variedades de inglês ao redor do mundo e/ou ao inglês como segunda língua, mas, com a mediação da docente, construíram compreensões mais amplas sobre a perspectiva.

Uma das representações mais comuns é a percepção do ILF que permite a comunicação entre pessoas de diferentes origens e culturas. Os acadêmicos também enxergam que o fenômeno abre espaço para usos criativos e como uma perspectiva mais flexível de ensino da língua, sendo que um dos aspectos mais pontuados é ponderar o que é necessário corrigir ou não e como isso afeta positivamente a postura de alunos e professores, que se sentem mais confortáveis utilizando o idioma.

Ademais, foi possível perceber que, nas discussões sobre ensino de cultura sob a perspectiva do ILF, os acadêmicos enfatizaram a ideia de que as culturas são plurais e diversas e que é preciso desenvolver o respeito e a compreensão.

Alguns licenciandos também demonstram criticidade no que diz respeito à relação entre ILF e globalização, isto é, eles não entendem essa ligação como algo “neutro”, pois enxergam que há aspectos como o marketing, o capitalismo e estruturas de poder que precisam ser observados de forma crítica. Outro aspecto que ficou em evidência nas interações dos participantes é a descentralização do falante nativo, uma vez que vários acadêmicos mencionam esta implicação em seus comentários.

Enfim, frente aos resultados alcançados, ponderamos que esta pesquisa foi mais um passo na ampliação do debate sobre ILF e suas implicações na formação docente inicial, embora haja limitações, já que, de forma alguma, representa a totalidade de cursos de graduação em Letras-Inglês no Brasil. Existem inúmeras possibilidades para novas investigações, as quais tendem a se expandir à medida que os contextos que explorem a perspectiva do ILF continuem a crescer.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, dez. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*, 2017.

- DUBOC, A.P.M. Falando francamente: uma leitura bakhtiniana do conceito de “inglês como língua franca” no Componente Curricular Língua Inglesa da BNCC. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 48, p.10-22, jan./jun. 2019.
- DUBOC, A. P. M. The ELF teacher education: Contributions from postmodern studies. In: GIMENEZ, T.; EL KADRI, M. S.; CALVO, L. C. S. (Ed.) *English as a Lingua Franca in Teacher Education: a Brazilian Perspective*. Berlin: Walter de Gruyter, 2018. p.159-187.
- EL KADRI, M. S.; CALVO, L. C. S. English in the contemporary world. In: CALVO, L. C. S.; FREITAS, M. A.; ALVES, E. F. (Org.). *Formação inicial de professores: habilidades linguístico-comunicativas e inglês como língua franca*. Maringá, PR: Eduem, 2015.
- EL KADRI, M. S. Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês. *Entretextos*, Londrina-PR, v. 10, n. 2, p.64-91, jul./dez. 2010. Disponível em: [<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/7966>]. Acesso em: 28/03/2024.
- GIMENEZ, T. Renomeando o inglês e formando professores de uma língua global. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 52, p.73-93, ago./dez. 2015. Disponível em: [<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15464>] Acesso em: 28/03/2024.
- JENKINS, J. English as a lingua franca: interpretations and attitudes. *World Englishes*, v.28, p.200-207, jun. 2009.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. *Revista D.E.L.T.A.*, 24:2, 2008 (p.309-340)
- PEDERSON, M. English as a lingua franca, World English and cultural awareness in the classroom: a North American Perspective. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.C.S.; EL KADRI, M.S. *Inglês como língua franca: ensino aprendizagem e formação de professores*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p.59-85.
- RAJAGOPALAN, K. O lugar do inglês no mundo globalizado. In: SILVA, K. A. da. (Org.) *Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: Linhas e Entrelinhas*. Campinas: Pontes Editores, 2010. p.21-24.
- ROSA FILHO, J. A.; VOLPATO, M.; GIL, G. English as a Lingua Franca: Representations and practices of English learners and teachers in Brazil. In: GIMENEZ, T.; EL KADRI, M. S.; CALVO, L. C. S. (Ed.) *English as a lingua franca in teacher education: a Brazilian Perspective*. Berlin: Walter de Gruyter, 2018. p.136-155.
- SANTOS, J. N.; SIQUEIRA, S. Desafios contemporâneos na formação de professores de inglês: algumas contribuições dos estudos de Inglês como Língua Franca. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 8, n. 3, p. Port. 65-86 / Eng. 64-84, set. 2019.
- SOUZA, S. C. B. *Teachers representations of the english language in Santarém*, Pará. 2012. 138 p. Dissertação (Mestrado em Letras - Inglês e Literatura correspondente) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- TEFL Equity Advocates & Academy. English as a Lingua Franca - interview with Jennifer Jenkins. out. 2016. Facebook: *TEFL Equity Advocates & Academy*. Disponível em: [<https://m.facebook.com/teflequity/posts/1825707347707716>]. Acesso em: 28/03/2024.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28 de março de 2024.

Aprovado em sistema duplo cego em: 08 de novembro de 2024.